

## Resenha

“- *Depois do Golpe: a dialética da democracia blindada no Brasil*”

Felipe Demier

Rio de Janeiro: Mauad X, 2017

Filipe Prado Mencari\*

Atualmente vivemos em uma situação de “turbilhão”, na qual vários acontecimentos se encadeiam em uma sucessão de eventos que, aparentemente, são imprevisíveis e que “nunca antes na história desse país” tiveram esse rumo.

O livro de Felipe Demier “-*Depois do Golpe: a dialética da democracia blindada no Brasil*” (2017) vem se somar aos esforços para que todas as pessoas interessadas em conhecer os meandros, caminhos e vias da história do Brasil recente possam encontrar orientações e chaves de interpretações para a compreensão destes tempos difíceis.

Demier usa, como indica o subtítulo, o conceito de democracia blindada como base teórica para refletir sobre o Brasil e parte do mundo nas últimas décadas. Ao contrário do que pode parecer à primeira vista, o conceito utilizado pelo autor neste e em outros livros de sua obra não significa que as democracias liberais atuais no Brasil, Europa, Estados Unidos etc. estejam livres de golpes de Estado, intervenções, rupturas e demais situações que poderiam atrapalhar o seu funcionamento.

O que o escritor entende como “*democracias blindadas*” são governos que se apresentam como democráticos mas que se fecham cada vez mais ao povo, às demandas e aos anseios populares, blindando-se, fechando-se e não abrindo espaço para que essas reivindicações sejam atendidas, ou sequer ouvidas pelos governantes. Quando o são, logo caem nos “ouvidos de mercadores” dos políticos que deveriam representar os interesses de seus respectivos povos.

O entendimento da lógica do Estado burguês é peça-chave para o entendimento do Brasil e da dinâmica da luta de classes nos trópicos e possíveis estratégias de resistência.

As democracias blindadas ao redor do mundo são parte do projeto neoliberal de gestão burguesa dos Estados, em suas formas ótimas, de modo a garantir o contrarreformismo, as mudanças e alterações no funcionamento dos governos, assegurando que medidas extremamente impopulares sejam aprovadas

---

\* Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestrando em História pela mesma universidade.

e “vendidas” à população como única maneira de solucionar problemas que o próprio capital gera continuamente, como as políticas que beneficiam o capital financeiro e especulativo internacional. O fim do “Socialismo real” acelerou ainda mais o avanço neoliberal.

Caso fossem efetuadas em um regime que realmente se importasse com as opiniões e anseios populares, tais medidas não encontrariam respaldo. Um caso paradigmático recente foi o da Grécia, citado pelo autor, que foi forçada a seguir o receituário neoliberal de endividamento externo combinado a retiradas de direitos sociais, repressão estatal, perda de autonomia governamental etc. Quase uma colônia da União Europeia (leia-se: Alemanha e França). Sempre é bom lembrar que a Grécia é o país que justamente inspirou a democracia e mesmo com sua população promovendo amplas manifestações, essas foram ignoradas por parte dos políticos. A tentativa de plebiscito para decidir tais questões foi rapidamente engavetada, pouco se falando no país, que sofre as consequências dessas imposições do FMI e Alemanha.<sup>1</sup>

Após um breve histórico do desmonte dos *Welfare State* no mundo desenvolvido a partir do final dos anos 1970, o autor dedica-se a esmiuçar a situação do Brasil. No caso brasileiro, este Estado de Bem estar nunca chegou a existir.

As Esquerdas ao redor do mundo não vêm conseguindo criar grandes alternativas à ofensiva neoliberal, conformando-se muitas vezes em aplicá-la, em alguns casos de modo “mais realista que os reis”, usando de força repressiva para barrar protestos dos trabalhadores quando estes não aceitam a passividade, usando o conceito de “Estatismo autoritário” de Nico Poulantzas. Se o PT antes era um elemento dificultador para o grande Capital, passa a ser um de seus maiores aliados e consolida para o estudioso a democracia blindada no Brasil.

Assim como em outras partes do mundo, no Brasil passa a existir um “revezamento” entre dois grandes partidos: um ligado ao grande capital e outro às classes trabalhadoras, o qual passou por um transformismo, adotando, de modo tácito e/ou aberto, os principais pontos do neoliberalismo. Felipe Demier apoia-se em Virgínia Fontes, autora que vê um poder apassivador dos partidos transformistas sobre amplos setores da classe trabalhadora para entender o papel do Partido dos Trabalhadores no poder.

As “jornadas de junho de 2013” são analisadas pelo autor e vistas como momento importante para a tragédia que viria a envolver o PT. Durante os governos Lula 1 e 2 e Dilma 1, o PT consegue gerenciar os negócios da burguesia de modo a gerar lucros grandiosos (setor bancário e agronegócio, por exemplo). Em Dilma 2, os efeitos da crise internacional de 2008 começam a se fazer presentes e se mostrarem muito mais profundos que uma “marolinha”.

<sup>1</sup> Cf.: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/07/1651943-nao-vence-plebiscito-na-grecia-e-pais-rejeita-proposta-de-credores.shtml>>; acesso em 16/12/2017.

Os protestos de 2013 são vistos como um grande amálgama ideológico que se considerava “antipolítico”. Contudo, o reacionarismo foi instilado pelo próprio regime de democracia blindada, que não foi identificado como o causador das mazelas sociais vividas pelo povo brasileiro. As repentinas e surpreendentes manifestações e tomada das ruas seriam uma forma de eliminação das mediações de representações políticas reformistas do próprio PT. As oposições de Direita teriam se aproveitado das manifestações para desgastar o governo Dilma, mas sem a intenção inicial de derrubá-lo.

Com o tempo, as mobilizações de Esquerda se diluem e perdem espaço para temas vagos, policlassistas e heterogêneos, perdendo força e qualidade. O velho recurso udenista de combate à corrupção afasta a população da política e ajuda a ver o sistema como imutável. Desqualifica-se a política, ao mesmo tempo que restringe os horizontes às instituições delimitadas pela democracia blindada.

O papel da grande mídia é outro ponto analisado. Este quarto poder utiliza uma propagação midiática da ideologia antipartido, no bombardeio de notícias parciais e apoio ao grande Capital do qual faz parte, contribuindo para um brutal recuo na consciência política de amplos setores das classes trabalhadoras e abrindo espaço para a manutenção da desorganização política das mobilizações, abrindo espaço para a ultradireita e mercenários *black blocs* espancarem a oposição de Esquerda, inclusive com a legitimação da violência e de medidas de exceção. Por outro lado, as redes sociais e a internet conseguiram burlar parcialmente o bloqueio de outras fontes de informação monopolizadas até então pela mídia.

Fazendo uso de Luckács, a massa teria uma consciência de classe por demais rebaixada e o *precarizado* (usando o conceito de Ruy Braga para trabalhadores cada vez mais sem direitos e precarizados em suas condições de trabalho) ignora ou recusa-se a utilizar antigas formas de mobilização e estratégias de combate que fazem parte da própria história da classe trabalhadora, partindo sempre do zero e tornando-se ainda mais frágil diante do avanço contrarreformista.

O governo Dilma favoreceu ainda mais a onda conservadora e se afastou ainda mais dos movimentos sociais, cavando sua própria cova. A fórmula da cidadania pelo consumo, políticas sociais compensatórias e juros altos, não se sustentou, abrindo espaço para que o PSDB (que nunca aceitou os resultados da eleição de 2014) e outros partidos de todo o espectro da Direita se mobilizassem contra o governo federal e que camadas extraparlamentares da burguesia brasileira reatassem com os tucanos.

Mesmo com amplas concessões ao Capital, o ódio de classe contra o que o PT foi um dia falou mais alto e uma onda conservadora veio como resposta às jornadas de junho de 2013. A democracia blindada se fortaleceu tanto no Brasil que pôde dispensar as tradicionais quarteladas latino-americanas e usar o

próprio sistema e um discurso de legalidade para aprovar o golpe parlamentar que aprovou o impeachment de Dilma Rousseff, sob as bênçãos da mídia, com transmissão ao vivo.

O que se segue é o governo Temer, que acelera exponencialmente a criminalização dos movimentos sociais, o congelamento e a derrubada de direitos sociais em sequência e amplas concessões ao capital, aliadas à reforma política que visa o prejuízo aos partidos de Esquerda.

Ao final de sua análise, Felipe Demier ressalta a urgência da reinvenção da classe trabalhadora e de seus métodos de ação, sugerindo que a classe trabalhadora recupere seu passado, trajetória e estratégias de luta, ao mesmo tempo que analise a situação em que se encontra atualmente. Por questão de própria sobrevivência neste século XXI cada vez mais parecido com o XIX. Como autor marxista, sente-se a presença dos pensamentos de Marx durante todo o livro, seja com o uso do *18 de Brumário* para apoio na investigação, seja na conclusão de que dentro do jogo da democracia blindada perde-se de antemão, armadilha esta que o próprio PT caiu e errou ao achar que bastava a presidência e que podia afastar-se de suas bases e de sua ideologia, sem se preocupar em construir alternativas<sup>2</sup>. A crítica não deve ser vista como sinal de fraqueza, mas como arma para uma futura transformação, que deve vir dos próprios trabalhadores, sem salvadores da pátria, mas na luta.

Recebido em 5 de julho de 2018

Aprovado em 18 de julho de 2018

<sup>2</sup> Cf.: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/11/19/frei-betto-pt-tem-que-descer-do-salto-e-calcar-sandalias-da-humildade.htm>>; acesso em 16/12/2017.